

Jornal de Barcelos

Católico e Regionalista



Proprietário:

Nunes de Oliveira

Director e Editor

Ilídio Joaquim Nunes de Oliveira (Dr.)

Redacção e Administração:

Luís Pinto Brochado Monteiro Pedras

Comp. e imp.: EDITORA POVEIRA — Póvoa de Varzim

Telefone: Viatodos — 96167

Rua Dr. Manuel Pais, 4 — Telefone 82465 — BARCELOS

Que lindas

ESTÃO AS RAMADAS
e videiras
DO MINHO FLORIDO

por A. FINTO MACHADO

VÃO ver; vão ver. E levam consigo amigos nacionais ou estrangeiros, para verem esta beleza e o milagre dessa fartura certificando o valor produtivo dos campos minhotos.

— Se calhar anda também por ali muito americano a estragar a beleza.

— Lá que anda infelizmente muito «americana» anda. Pode não estragar a beleza, mas que estraga a qualidade do rico e sabonoso «verdinho» isso não se duvida.

— E o pior é que isso acrescenta às dificuldades que a abundância de vinho causa ao agricultor!...

— A culpa também é muito do agricultor...

— Não me digal!...

— O agricultor julga às vezes que procede bem não ajudando os seus naturais órgãos de defesa a cumprir a sua missão.

— Homem! Seja mais claro.

Como os meus leitores estão a perceber eu procuro dar ideia de um diálogo que tive com um lavrador minhoto e a respeito de vinhos.

O vinho era, ainda aqui há uns quatro séculos, a moeda mais sã da Lavoura Minhota. Milho e bois tinham caído, por necessidade de uma política de pão barato e pelo «à deriva» em que deixaram o chamado fomento pecuário.

Ficava o lavrador com o valor da sua «pinga» para sustentar os encargos de manutenção das suas propriedades e os encargos fiscais que o Estado, infelizmente, tanto aumentou.

Mas o «vinho verde» que tinha explêndida Casa de Guarda montada por um grande lavrador e jurisconsulto — o saudoso Dr. António Pinto de Mesquita — passou a depender muito da Junta Nacional do Vinho...

— Porquê?

— Na orgânica da política corporativa há muitas coisas que a gente não compreende. Centralizar a política do vinho, tornando satélites da Junta das Comissões de Viticultura das Regiões demarcadas, por a qualidade específica do vinho, como é o vinho verde, não se compreende.

Compreende-se, sim, unidade de acção numa política para que se guardem os interesses da Nação, guardando a preciosidade e genuidade das suas riquezas naturais, mas que venha essa política intervir na produção e consumo, ajustando as suas conveniências aos interesses gerais de uma região, não se compreende.

A Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes se tem lutado pela conservação dos princípios que deram origem à sua criação, tem condescendido, porém, que a Junta Nacional do Vinho usufrua regalias grandes na área da região demarcada, quer distribuindo por ela parte das taxas de consumo dos vinhos destinados à venda, quer permitindo o monopólio das aguardentes, valor precioso que tanto beneficia a Junta Nacional do Vinho.

A aguardente do Vinho verde é um «conhaque» delicioso se for bem tratado. Pois lota-se, na Junta, com outra aguardente, de vinho mais alcoólico e, portanto, de mais rendosa produção, em quantidade.

(Continua na segunda página)

BARCELOS DIA-A-DIA

Por LEAL PINTO

Nota de Abertura

Não temos a veleidade de pensar, sequer, que os nossos modestos apontamentos envolvam sensacionalismo; simplesmente nos anima o desejo de, desinteressadamente e sem pretenciosismo de qualquer espécie, revelar a nossa dedicação por este vergel encantador, lembrando que Barcelos tem que desprender-se de certos preconceitos, de frases ultrapassadas e de burocracias que a conservam afastada das realidades e exigências do surto progressivo que se vai operando em Portugal.

Esta a razão fundamental por que iniciamos esta secção «*Barcelos Dia a Dia*», dispostos a um contacto permanente com os problemas de Barcelos por parte dos leitores do «*Jornal de Barcelos*», cujo «cantinho» fica ao seu inteiro dispor.

Actividade cultural

Sem qualquer desejo de crítica, mas apenas norteados pelo interesse que podia e devia merecer uma terra de pergaminhos como Barcelos, a sua actividade cultural (índice das melhores relações entre os Homens pela sua valorização crescente) nos permitimos fazer um apelo, aos Barcelenses, mórmente aqueles que, pela sua posição na sociedade, têm obrigação de dar exemplo aos menos cultos para que a Nossa Terra não continue a ser acusada de ausência de empreendimentos de ordem cultural e artística, que a igualem à posição de qualquer aldeia provinciana.

Nós, que não pudemos nascer nesta encantadora Princesa do Cávado, mas que lhe queremos talvez tanto ou mais do que alguns dos seus filhos, temos sofrido ao verificarmos a inutilidade da nossa actuação em prol duma causa de que Barcelos, legitimamente, não pode divorciar-se, para não comprometer o seu futuro e o dos seus filhos vindouros.

Não terá sido, pois, por minguia de colaboração deste semanário (que se orgulha da sua divisa de Católico e Regionalista) que o silêncio se tem mantido; antes, nos cabe um quinhão, que reputamos modesto, de já alguma coisa termos tentado fazer para despertar da sonolência e apatia a que tem estado sujeita a base primária da acção cultural, — a nossa Biblioteca Municipal. Ela não possui o mínimo de condições. Nem tem luz, nem comodidades. Só tem servido

para «armazenar» um recheio precioso.

Seria, quanto a nós, urgente e inadiável adquirir o «Solar dos Pinheiros», imóvel de indiscutíveis condições, e ali instalar a Biblioteca Municipal e até o respectivo Museu, já que parece condenado a decisiva transformação o edifício dos Paços do Concelho.

O meio barcelense, cuja reputação não isenta da acusação de tantos se preocuparem mais com reuniões de grupos e grupinhos do que com o necessário e útil para a sua terra, bem carece de uma decisiva solução neste sentido.

Dá-se, por vezes, mais apreço a uma conversa de «café» que a um caso de interesse local. Há por cá tantas figuras decorativas que não interessa chamar! Que continuem com o péssimo hábito de dizer mal de tudo e de todos.

Com tais indivíduos, é evidente que nada há a tentar.

Aqueles que desejam contactar com as coisas elevadas do espírito, mas que se remetem a uma inacção doentia como em prolongada hibernação, a esses, sim, há necessidade de os alertar.

A esses dirigimos o nosso apelo, mas muito a sério, lembrando-lhes que não está somente em jogo a carolice de uns tantos barcelenses mas sim, também, em questão a dignidade e o prestígio da Nossa Terra, que todos, sem excepção, desejamos engrandecida e prestigiada.

Os Barcelenses não podem penitenciar-se, lamentando a inactividade da sua Biblioteca, nem podem contentar-se a ouvir, apenas, a música oferecida pela Banda da Casa dos Rapazes, ou a ver o Rancho da Casa do Povo de Barcelinhos, ou ainda a apreciar as exhibições das Fanfarras dos Bombeiros de Barcelinhos e de Barcelos que tanto êxito tem alcançado; têm, forçosamente, de contribuir para fortalecer ainda um punhado de dedicações que surgem dispostas a dar-se pela Terra, criando com bases seguras o Circulo de Iniciação Teatral «C.I.T.» associação cultural e artística, à frente da qual surgem prestigiosas figuras do meio barcelense, com muitos jovens decididos a sacudir enérgicamente a apatia cancerosa que se apoderou de muitos e muitos valiosos elementos, alguns dos quais já deram público testemunho do seu valor.

O Salão dos Bombeiros Voluntários de Barcelos foi palco dum Colóquio sobre Teatro. Auditório selecto e distinto, do melhor que Barcelos possui, a ouvir a palavra prática e fluente do actor encenador Jaime Valverde.

Ainda bem!

E que se vá por diante!

O «Mayor» de Salisbúria visitou BARCELOS na passada quinta-feira

Acompanhado pelo Sr. Governador Civil do Porto, Presidente e Vice-Presidente do Município Portuense e suas Ex.^{mas} Esposas, o Sr. Bernard Ponter, «mayor» de Salisbúria, visitou Barcelos na passada 5.^a feira, à tarde.

Os ilustres visitantes foram recebidos na sede do Turismo pelo Sr. Dr. Mário Fernando Cerqueira Correia, Presidente da C. M. T., Luís Pedras, vereador municipal, e ainda pelas suas Ex.^{mas} Esposas.

O Sr. Bernard Ponter percorreu demoradamente a nossa feira, que muito o encantou, e, em rápida passagem, apreciou alguns locais e monumentos citadinos.

No final da visita, foi oferecido ao «mayor» de Salisbúria e autoridades que o acompanhavam um lanche na sede do Turismo local, que deu ensejo a troca de amistosíssimas saudações entre o Sr. Dr. Mário Cerqueira Correia e o Sr. Bernard Ponter.

CONSAGRAÇÃO DO PROFESSORADO PRIMÁRIO NA HOMENAGEM prestada ao

Prof. Isaías Machado

Como havíamos noticiado foi prestada ontem significativa homenagem ao Professor Isaías Machado, que durante 20 anos dirigiu as Escolas Primárias da freguesia de Viatodos, onde grangeou as melhores simpatias da população. A sua dedicação e amor à Escola contribui, sem sombra de dúvida, para o prestígio de uma Classe a quem o País deve os mais inegáveis e relevantes serviços.

Uma Comissão constituída por antigos alunos não quis deixar, no momento da despedida, de lhe proporcionar uma manifestação de simpatia e de agradecimento, dando a todos uma lição de que a gratidão não é ainda uma palavra vã.

O povo da freguesia e muito especialmente os seus antigos e actuais alunos estiveram em elevado número presentes, numa viva afirmação de amizade e de saudade.

O momento foi também propício a que à Classe dos Professores Primários se dirigissem palavras de exaltação e de reconhecimento.

O programa constou de uma Missa, às 10 horas da manhã, a que assistiu toda a família do homenageado e de sua Ex.^{ma} Esposa, alunos das Escolas, muito povo e os Ex.^{mos} Senhores Dr. Luís Fernandes de Figueiredo e Dr. Vitor Marques, ilustres Presidente e Vice Presidente da Câmara Municipal de Barcelos, Professor José Sobral, ilustre Director do Distrito Escolar de Braga, Prof. José Martins, Adjunto da Direcção Escolar, Prof. António Rego, digníssimo Delegado Escolar em Barcelos, Dr. José Azevedo, Advogado, Dr. José Carneiro da Silva, Inspector do Ensino Lical, além de muitas distintas Senhoras entre as quais a Ex.^{ma} Esposa do Senhor Presidente da Câmara.

A Missa foi celebrada pelo Rev.^o Reitor de Viatodos, P.^o José Garcia de Oliveira, que à homilia proferiu palavras do mais alto interesse no que respeita à missão do Padre e do Professor na preparação e educação das criancinhas.

Seguiu-se depois, em local próprio, uma sessão solene, tendo usado da palavra, em primeiro lugar, o Sr. Manuel de Araújo, que depois de esclarecer os motivos da homenagem — falava em nome da Comissão Promotora — disse: «Chegou o dia de manifestarmos a nossa gratidão, gratidão que o acanhamento teimava, dolorosamente, em fazer comprimir no coração de todos os que aqui estão em presença e em espírito.

Obrigado, é o grito de toda a gente de Viatodos, a recordar um grande e difícil apostolado de professor, de homem e de educador. E terminou assim o seu discurso: «Aceite V. Ex.^a, Senhor Machado, esta modesta homenagem com toda a simplicidade. Perdoe-nos não lhe rendermos com as merecidas honras e melhor pergaminho, como seria digno e justo, mas creia Senhor Professor que não sabemos melhor. Não podemos, nem ninguém mais adicionou ao saber desta boa gente que, para além doutro trabalho melhor, vive quase toda de mãos dadas com as alfaias agrícolas com que amanha a terra, amor colado ao peito e ao coração, e o perfume dos pampilos dos seus campos».

Após as suas palavras uma menina e um menino procederam à entrega de um lindo ramo de flores e de uma salva de prata.

Depois do menino Manuel Campos Pinto da Silva proferiu umas breves palavras, das quais destacamos as seguintes passagens:

(Continua na segunda página)

O XXV Aniversário do Grémio do Comércio

CONCURSO DE MONTRAS

«Jornal de Barcelos», que pelas coisas do nosso concelho dedica a sua melhor atenção, não podia ficar indiferente às Festas que o Grémio do Comércio de Barcelos vai realizar em comemoração dos seus vinte e cinco anos de vida. Só quem, a par e passo tem acompanhado a acção deste prestantíssimo organismo, pode avaliar o quanto o comércio local lhe deve na defesa intrínseca dos seus interesses.

Integrando o Grémio do Comércio um Concurso de Montras no programa das Comemorações dos seus vinte e cinco anos de existência, de que já demos, em primeira mão, conhecimento público, e querendo o «Jornal de Barcelos» associar-se às festas daquele Organismo em homenagem à sua acção político-social, resolveu organizar, também, um concurso entre os seus numerosos leitores, que se denomina:

Qual a montra mais sugestiva?

Eis as normas do concurso:

1.º — Preencher o boletim que é inserto neste Jornal, semanalmente, até ao dia 26 de Agosto p.f.

2.º — Entregar o referido boletim no local a indicar oportunamente.

3.º — Os concorrentes não podem preencher mais de um boletim com referência a cada montra em concurso.

4.º — As montras serão indicadas por números.

5.º — Os três maiores grupos de votos serão colocados, por ordem de maioria, em três recipientes, correspondentes aos três primeiros prémios.

6.º — De cada um dos recipientes é retirado, depois, um voto à sorte que indicará o 1.º, 2.º e 3.º prémios, correspondentes às três primeiras montras premiadas pela votação dos nossos leitores.

7.º — Valor dos Prémios:
300\$00 correspondente ao 1.º prémio
200\$00 » 2.º »
100\$00 » 3.º »

Concurso de Montras

comemorativo do XXV Aniversário do Grémio do Comércio

(ORGANIZAÇÃO DO «JORNAL DE BARCELOS»)

— Qual a Montra mais sugestiva?

Voto na Montra n.º

Nome

Morada

Preencha este nosso boletim

Seguidamente, damos a conhecer ao público o nome das firmas que até 17 do corrente deram a sua adesão ao Grémio do Comércio, concorrendo com as montras dos seus estabelecimentos. Esperamos para o próximo número indicar mais concorrentes, pois estamos convencidos que todos os estabelecimentos da cidade darão um ar de alegria à nossa linda terra, apresentando as suas montras a Concurso.

Comerciantes inscritos para o Concurso de Montras, comemorativo do XXV aniversário do Grémio do Comércio de Barcelos até ao dia 17 de Julho:

Viúva José Luís da Cunha:		
Largo da Calçada	2	montras
R. Barjona de Freitas	1	»
Papelaria Liz	2	»
Casa Peixoto	1	»
José Braz d'Afonseca	1	»
Casa Rajá	2	»
Soc. de Alfaias Agric. L. ^{da}	1	»
Ouvresaria Milhazes	1	»
Casa das Rendas	1	»
Centro Comerc. - Papelaria	2	»
Casa Aguiar	2	»
Drogaria Moderna	1	»
Fotografia Carlos	1	»
Casa Meira	1	»
Casa Maciel	1	»
Casa Vasconcelos	1	»
Casa do Café	1	»
Drogaria Santo António	1	»

Dr. Francisco Torres

Conforme noticiamos na semana passada, o almoço de homenagem a este distinto clínico realizou-se à no próximo dia 1 de Agosto e para o qual foi constituída uma comissão de que fazem parte os Srs. Brigadeiro Francisco Caravana, Dr. João Beleza, Antero de Faria, Armindo Miranda, Luís Carvalho e Décio Nunes.

Como era de esperar, esta homenagem a que tem jus o Sr. Dr. Francisco Torres, pelas suas notáveis qualidades de mérito e de carácter, e que durante mais de quarenta anos exerceu com a maior proficiência o cargo de Director Clínico do Hospital de Barcelos, tem sido acolhida com a maior simpatia por todos os barcelenses, sendo já elevado o número de adesões.

As inscrições encerram-se no próximo dia 26. Até então podem ser feitas na Casa Teles, Confeitaria Colonial, Café Galo Negro, Sapataria Cunha e na Firma Correia & Cardoso, desta cidade.

Anuncie, leia e divulgue o

«Jornal de Barcelos»

Falecimento

Dr. David Joaquim da S. Bacelar

Após prolongada doença que não perdoa, faleceu no dia 17 do corrente mês, confortado com os sacramentos da Santa Igreja, o Sr. Dr. David Joaquim da Silva Bacelar, que residia na casa da Costariça, em Cervães, Vila Verde. Contava 74 anos de idade, e era viúvo da Ex.^{ma} Sr.^a D. Alcina da Costa Moreira de Castro Bacelar, e pai dos Srs. José Gabriel, Luís Filipe, António Cândido, D. Maria Isabel, Nuno Alcino e Carlos Manuel de Castro e Silva Bacelar, respectivamente Professor de Musicologia em Paris, Funcionário Judicial no Porto, empregado de escritório, Professora oficial, Funcionário Judicial no Porto e Funcionário dos C.T.T. em Amares, e sogro do falecido médico Dr. José Gaspar Sorto Mayor de Carvalho Braga, e das Srs.^{as} D. Maria Arminda, e D. Maria Guilhermina Bacelar.

O saudoso extinto contava entre os seus irmãos o Sr. Dr. Cândido Bacelar, médico e jornalista e a Ex.^{ma} Sr.^a D. Rosa Bacelar, e do falecido e saudoso P.^e José Bacelar, que foi Pároco de S. Romão da Ucha. Era ainda tio, além de outros, do Rev.^o Professor Doutor José Bacelar Oliveira, magnífico Reitor da Faculdade de Filosofia de Braga, e do Rev.^o Frei João Evangelista Bacelar Oliveira, e cunhado do Sr. Dr. Aristides da Silva Couto, advogado, D. Florinda e Palmira Moreira de Castro, e do Sr. Joaquim Moreira de Castro.

O seu funeral realiza-se na 5.^a feira, sendo o féretro transportado da capela da casa de Costariça para o jazigo de Família no Cemitério de Cervães.

Que lindas estão as ramadas e videiras
DESTA MINHO FLORIDO

(Continuação da primeira página)

A queima do Vinho é uma modalidade preciosa da intervenção da Junta no Mercado de Vinhos.

A Junta, por isso, queria cobrar mais \$40 por litro na região dos vinhos verdes. A Comissão de Viticultura opôs-se e o Governo aceitou as suas boas alegações, tanto mais justas quando logo ofereceu outra modalidade para a Junta e para melhorar a guarda e defesa dos Vinhos Verdes: — propôs a taxa de 75\$00 sobre o vinho destinado à venda, destinando um terço dessa taxa à Junta do Vinho e ficando os dois terços para a Comissão com eles sustentar a Casa de guarda de que a Região precisa, montar laboratórios, prestar assistência técnica, completar a rede das Adegas Cooperativas e pensar na criação de Armazéns de Retém, criando assim elementos para se defender da desenfreada especulação, em anos de fartas colheitas.

O decreto estabelecendo essa simplificação de taxas, reunindo apenas numa só, a que o Lavrador tenha que pagar pelo vinho destinado à venda, foi porém interpretado em Braga e por um lavrador-advogado de modo a abolir essa taxa se o lavrador se tornasse vendedor retalhista.

E posta a questão em juízo o advogado-lavrador ganhou.

Eu deitei as mãos à cabeça, pois

via desde logo o mal que a questão assim posta nos traria.

O lavrador-retalhista não vendeiro e, por isso, não tem que pagar!...

Claro que a essa interpretação agarraram logo alguns lavradores, tornados clientes do advogado-lavrador que é retalhista e não quer ser vendeiro.

Resultado: — Mais vinho e diminuição nas receitas da Junta Nacional e da Comissão de Viticultura.

Estado actual do assunto: Muitos uvas nas ramadas, muito vinho ainda nas adegas e a Junta Nacional sem se resolver a comprar vinho para queimar e a questão das taxas entregue ao Tribunal da Relação do Porto, em recurso...

Pois que deixem a queima e venda de aguardente à Comissão de Viticultura que não faltarão vendedores da Região dos Vinhos Verdes a associarem-se à Comissão de Viticultura para constituírem a grande destilação que a Região dos Vinhos Verdes precisa ter.

Mas os lavradores-retalhistas que não querem ser vendeiros, agachando-se para não pagarem o que a César é devido: — os 75\$00 por pipa de vinho destinado à venda — esses não terão entrada na Grande Destilação Cooperativa.

Que se destilem eles a si mesmos...

A. PINTO MACHADO

Consagração do Professorado Primário na homenagem prestada ao PROFESSOR ISAIÁS MACHADO

(Continuação da primeira página)

«Fazia falta neste grande coro de homenagem a nossa voz: a voz dos meninos e meninas das escolas de Viatodos».

«Queremos também que saiba que agradecemos muito o que fez por nós: o trabalho que teve conosco para nos ensinar; as canseiras quando nós não aprendíamos; e, sobretudo o gosto que tinha, gosto tão grande como o dos nossos pais, em que nós soubéssemos».

Seguiu-se o Sr. João Ferreira de Araújo, que em nome da freguesia começou por declarar que não podia deixar passar este dia sem proferir algumas humildes palavras de louvor e agradecimento em nome de todo o povo, apesar da modesta cultura que possuía. E terminou afirmando: «Cria, Senhor Professor, que a sua retirada deixa um vácuo imenso nos nossos corações. Desculpe todas as incompreensões, porque nem sempre sabemos compreender a grandeza e o valor daqueles que laboram entre nós. Por vezes só apreciamos o que é grande e belo quando o perdemos...»

Falou depois, em nome dos antigos alunos, com a eloquência e o brilho que lhe são peculiares o P.^e Dr. Artur de Azevedo, natural desta freguesia e distinto Professor no Seminário dos Olivais, em Lisboa. São dele as palavras que passamos a reproduzir:

«Gostaria de pôr em realce os aspectos da personalidade do Professor Isaías Machado que mais nos impressionavam e marcaram. Deve ser o amor à verdade o que define primariamente estes 20 anos de ensino em Viatodos. Todos nós apreciamos a força com que nos inculca a verdade; o trabalho duro e paciente a que se entregou para a descobrir; o desassombro com que dizia toda a verdade. Se empregasse uma imagem para traduzir a im-

pressão que nos ficou, seria a dum bloco de granito, impossível de partir, tal como a natureza o deu, seja arestas arredoadadas. Compreendeu Vossa Excelência Senhor Professor a palavra do Evangelho: «A verdade far-nos-á livres». Passou de seguida a um segundo aspecto da personalidade do homenageado: «Não é novidade para ninguém que a remuneração dada pelos poderes públicos ao professorado é manifestamente insuficiente. Por seu lado as necessidades económicas são por vezes tão presentes que os professores vêm-se obrigados a procurar outras compensações, com evidente prejuízo da tarefa essencial. Queremos manifestar publicamente a nossa admiração por não ter cedido nunca a esta tentação de facilidade. Sabemos o que isso significou. Estamos convencidos de que essa é a melhor herança que poderá deixar a seus filhos: a herança dum fidelidade absoluta e sacrificada à missão de professor».

O P.^e Artur Azevedo fez em seguida algumas considerações sobre a missão de professor, contrapondo-a às outras profissões. E acrescentou: «Se o amor à verdade é importante na vida social, muito mais é a fidelidade no cumprimento dos serviços sociais. Entre nós há uma crise generalizada das responsabilidades cívicas».

Depois de se ter referido a uma terceira dominante da acção do homenageado: a competência profissional, acrescentou: «Perdoe, Senhor Professor, se nalgumas destas afirmações feri a sua modéstia. Mas há momentos na vida para dizer toda a verdade e este é um deles. Há ocasiões em que é necessário dizer dum homem e na sua presença, o que ele tem sido, para que ele, através da apreciação dos outros, adquira a certeza de que o seu caminho é o caminho justo da construção dum mundo melhor; para que ele tenha a certeza que há ou-

tros homens que sintonizam nas mesmas atitudes perante a vida, para que saiba dos outros que esperam que ele continue na mesma direcção, indiferente às solicitações da direita e da esquerda; para que nele os outros homens reconheçam um apelo a uma humanidade mais perfeita!

Depois de algumas considerações sobre a fecundidade dos 20 anos que o Professor Machado passou em Viatodos, e após ter agradecido em nome dos antigos alunos — agradecimento que estendeu à esposa pela colaboração silenciosa que lhe deu — o Padre Artur Azevedo concluiu: «Por último, esta palavra é para nós próprios, os seus alunos. Ajude-nos o Senhor Jesus Cristo, que tem um braço mais forte que as nossas fraquezas, a sermos fieis ao alto exemplo que nos deu: exemplo de amor à verdade, de fidelidade à missão de professor, de competência profissional. E oxalá que as sementes que humilde e carinhosamente depositou em nós venham a transformar-se numa seara abundante para alegria dos que ceifam e do que semeou».

Finalmente tivemos o prazer de ouvir o Sr. Director do Distrito Escolar de Braga que pela primeira vez, após a sua posse, presidia a uma cerimónia no Concelho de Barcelos para manifestar a sua alegria e o seu entusiasmo por tudo o que acabava de observar. Dirigiu palavras elogiosas ao Prof. Isaías Machado e aproveitou a oportunidade para tecer judiciosas considerações à volta dos problemas da educação e das relações dos pais e dos professores, pois só dessa íntima colaboração algo de muito útil pode resultar para compensar o esforço dispendido pelos professores, que abnegadamente procuram cumprir a sua missão.

E por último agradeceu as pala-

(Conclui na quinta página)

**mais
uma
porta
aberta
para
o
servir...**



O BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO tem o prazer de anunciar a abertura da sua nova agência de **VIANA DO CASTELO** situada na Rua Sacadura Cabral, 11 — Telefone 23278



SEDE SOCIAL — PORTO
SEDE CENTRAL — LISBOA
60 AGÊNCIAS E DEPENDÊNCIAS

BALILA

Laranjada Invicta ★ Invicta-Cola
Cerveja Cristal e Cerveja Super Bock

Agente exclusivo em BARCELOS:

Laranjada natural (sem corantes) fabricada na maior fábrica da Península ★

José Soucasaux — TELEF. 82445

radiadores

FABRICO E CONserto DE TODOS OS SISTEMAS

Fábrica LANDOLT

A mais antiga do País

MANUEL TEIXEIRA PRATA

Avenida Cemilo — 144 Telefones: 51966 • 50075 PORTO

METAIS ALMADA

Alumínio, cobre, latão, zinco, níquel, antimónio, chumbo, estanho, tubos, cavilhas, perfilados, etc.

MANUEL TEIXEIRA PRATA & C.ª

Telefones: 24 325 • 29 968 • 32 241 • 24 213
RUA DO ALMADA, 395 — PORTO

CAFÉ - RESTAURANTE PORTA NOVA

PRATOS REGIONAIS

aos domingos e quintas-feiras — «Tripas à moda do Porto»
e «arroz de pato»
às terças e sextas feiras — «Rancho à Porta Nova»
aos sábados — «Feijão vermelho com Chispe»
e todos os dias — «Frango de churrasco», «frango na púcara»,
«arroz de amêijoas» e rabanadas.

Largo da Porta Nova Telef. 82792
BARCELOS

Automóveis de aluguer sem condutor
devidamente legalizados para o País e estrangeiro
SIMCA 100 - VOLKSWAGEN e outras marcas

NECO

Rua Costa Cabral, n.º 14 a 18 — PORTO
Telefones — 42995 e 45459

Farmácia OLIVEIRA

Avenida Combatentes da Grande Guerra — BARCELOS
TELEFONE 82820
Fornecedora da Federação das Caixas
de Previdência e das Casas do Povo
Completamente remodelada e com nova orientação

Rolhas e Garrafas Camião Bedford

Rolhas de 24^{mm}, artigo m/ bom
Garrafas novas de 3/4 de litro,
a 1\$50 e 2\$00

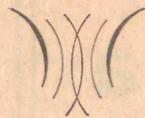
Vende-se em bom estado.
Carrega 9.955 Kg.

Casa Águia - Telefone 82445 Se estiver interessado, dirija-se à Av.
BARCELOS Júlio Graça n.º 249 — Vila do Conde

TINTAS SIGLAV

Rua 5 de Outubro, 195 — Telefone 61422

PORTO



Têm o prazer de informar os s/ estimados clientes
que nomeou seu Agente - Depositário nos concelhos de
BARCELOS e ESPOSENDE, a firma:

Augusto Figueiredo & Silva, L.da

Telefone 82225 e 82335 — BARCELOS



A quem pedimos o favor de continuarem a honrar
com as v/ sempre muito estimadas ordens.

Adega Cooperativa de Barcelos

Circular - Convocatória

O Presidente do Conselho Geral da Adega Cooperativa de Barcelos, ao abrigo do art.º 23.º dos Estatutos, convoca a Assembleia Geral, a reunir pelas 15 horas do dia 29 do corrente, na sede do Grémio da Lavoura de Barcelos, a fim de:

- 1.º — Apreciar e votar o Regulamento Interno;
- 2.º — Tratar de outros assuntos de interesse para a Adega.

Barcelos, 13 de Julho de 1965

O Presidente da Assembleia Geral
Joaquim José Nunes de Oliveira, (Dr.)

Vende-se

Licença de feirantes
30 Km (ligeiro)
Falar: GARAGEM AVENIDA — BARCELOS

Cadelinha

Faltou no dia 8 de Julho, de casa de seu dono. A sua cor é amarela desmaiada, com malha sobre o pescoço. Tem 5 meses de idade. Quem souber do seu paradeiro queira dirigir-se a Domingos Figueiredo Gomes Pereira — Barcelos.

O seu capital

PODE RENDER-LHE 8%
com garantias reais

- Qualquer quantia que possua, a partir de 50.000\$00 rende-lhe 8%, com garantias reais;
- Uma tal garantia resulta de um departamento posto à disposição dos Ex.mos Clientes, que assegura e zela por uma boa administração;
- O capital colocado pode ser recuperado logo que o interessado assim o deseje;
- Tire melhor rendimento dos seus capitais, com garantias reais, aproveitando a oportunidade que lhe oferece uma organização que pensa nos vossos interesses em moldes não iguallados.

Consulte, portanto:

Empresa Predial Nortenha

Autorizada oficialmente pelo Decreto-Lei n.º 43.767 e membro da FIABCI (Fédération International des Administrateurs de Biens Conseils Immobiliers)

PORTO — Praça D. João I — 25-1.º D.º — Telef. 20085/6/7

COIMBRA — Avenida Fernão de Magalhães, 266 — 2.º
Tel. 27404 — 27855

LISBOA — Praça da Alegria, 58-2.º — Telef. 366731-366812

A homenagem ao Professor Isaías Augusto Pereira Machado

(Conclusão da segunda página)

que lhe foram dirigidas o Prof. Isaías Machado, com a comoção e a saudade que é fácil de compreender. Terminada a cerimónia a que assistimos foi servido, às autoridades presentes e a todas as pessoas que para o efeito se inscreveram, um magnífico e abundante almoço que deu ao arco de saudações e que permitiu que algumas pessoas mais dissessem os seus sentimentos e da sua alta admiração pelo homenageado. Nesta ordem de ideias falaram o Rev. P.º José Garcia de Oliveira; Dr. José Azevedo, Advogado em Vila Nova de Famalicão; Dr. Vítor Marques, Vice Presidente da Câmara que num feliz improviso enalteceu a missão dos Professores Primários, e influência que exercem na modelação dos caracteres; e o Sr. Professor António Rego, Delegado Escolar em Barcelos, cujo discurso passamos a transcrever:

Na qualidade de Delegado Escolar no concelho de Barcelos e, mais ainda, na qualidade de professor mais velho deste vastíssimo concelho, venho expressar a Vossas Ex.as a minha gratidão pelo prazer que me deram em querer que me associasse a esta homenagem ao meu querido amigo, Professor Isaías Augusto Pereira Machado. E faço-o, primeiro por me ver mais uma vez junto do meu Ex.mo Director Escolar que a pouco e pouco se vai integrando na nossa vida e nos problemas que têm por fundo a escola primária, agora orientada pelo seu superior critério e visão. O outro prazer que me dera esta reunião é ligar-me ao convívio de tão selecta assembleia — acima de tudo, vir à mesa de tão ilustre família barcelense.

O professor Isaías Machado iniciou a sua já longa carreira de pro-

fessor na freguesia de Cervães, concelho de Vila Verde, deste Distrito de Braga, em 20-5-938.

Exerceu seguidamente em Ancedo, concelho de Barão, Porto.

Depois em Balazar, Póvoa de Varzim, sendo colocado na escola masculina de Viatodos, deste concelho de Barcelos, em 1-10-945.

São 20 anos de actividade ao serviço da instrução e educação do povo de Viatodos. Pais e filhos gozaram o sabor e lições de tão nobre Mestre.

Podem Vossas Ex.as bendizer a hora em que entraram na velha casa da escola de Viatodos e ouviram as lições magistrais de tão distinto pedagogo — verdadeiro professor na acepção mais lata em que esta palavra pode ser tomada.

E eu, professor como ele, não venho aqui para elevar os seus méritos nem avivar em vós a saudade que todos os dias vos assaltara; venho, sim, associar-me à homenagem que o povo de Viatodos — pais e filhos quiseram prestar ao seu muito querido professor.

O Professor Isaías Machado é professor por temperamento e por coração: vive a escola, sente os seus problemas e sei bem que, muitas vezes, tem sacrificado a sua família para que não sejam sacrificadas na instrução e educação as crianças que todos os anos lhe são confiadas. Daqui resulta que não é uma simples saudação, por melhor que ela possa ser redigida, que pode traduzir esse mesmo e merecido reconhecimento.

A imposição da linguagem é, neste caso, superada pela obra que o professor Machado legou à freguesia de Viatodos. Esta obra com tanto carinho e sacrifício levada a cabo, só o tempo lhe dará a verdadeira grandeza.

Dotado de qualidades de trabalho, de amor à família, de dedica-

ção pelo seu amigo, verdadeiro cultor do espírito de camaradagem, e, acima de tudo, respeitador dos seus superiores por quem tem verdadeira afeição e respeito, é um espírito lúcido e culto, um autêntico homem de bem e, acima de tudo, um fervoroso crente e que integra a sua vida na obediência a Deus, Todo Poderoso.

Um homem — um professor assim — quase já não é do nosso tempo!

Desta escola saíram muitos jovens que bem-dirão a obra de tão assinalado mestre e que, vida em fora, recordarão os melhores momentos da sua vida de alunos e das magistrais lições de tão bondoso professor.

Olhitos fechados — abertos a pouco e pouco pela mão do professor amigo — eis-vos em face dum maravilhoso mundo e de Deus, seu criador.

E da Escola, guiados pela mão do Mestre, saímos para a vida, já com o passo firme, que contrasta sobremaneira com o gatinhar com que na escola entramos.

E esta transformação, em nós operada, que hoje vindes trazer ao Ex.mo Senhor Professor Isaías Augusto Pereira Machado, na certeza de que é este o quadro que mais grato se pode deparar no seu coração de Professor Primário.

Por fim ouvimos um brilhante improviso do Sr. Dr. Luís de Figueiredo, ilustre Presidente da Câmara, no qual teve um hino de louvor à transcendente acção dos Professores Primários e fez considerações oportunas sobre problemas de educação mais estritamente ligados ao sector do ensino primário.

Profundamente sensibilizado, o Professor Isaías Machado agradeceu as homenagens, dizendo:

Ex.mo Senhor Presidente da Câmara
Ex.mo Senhor Director Escolar
Sr. Adjunto e seu Delegado no concelho de Barcelos

Alunos, Senhores e Senhoras
Por tudo a que me foi dado assistir e sentir, por tudo que nesta sessão foi dito, não sei se terei serenidade para abrir a alma e o coração e dizer alguma coisa do que penso desta homenagem.

Vejo-me na «berlinda» e cada um, a seu modo, diz-me porque estou nela...

Põem-me o coração a sangrar, a estalar de saudade e de apego à escola e à terra que me habituei a considerar como minha e onde passei dias verdadeiramente felizes...

Mas qual a razão desta homenagem, desta manifestação de apreço, que me deixa confundido, desvanecido, e sem palavras para agradecer a simpatia de que me vejo rodeado? Que fiz eu para a merecer?

Estas perguntas fi-las muitas vezes a mim mesmo, e obrigaram-me a um exame de consciência do que foi a minha vida de professor nesta vossa e minha terra de Viatodos. Algumas conclusões tirei.

Na realidade procurei cumprir o meu dever. Vinte anos inteiramente dedicado à escola e à educação dos vossos filhos, sem desfalecimentos, persistentemente, debruçado sobre casos difíceis de aprendizagem e educação. Não me acusa a consciência de ter preferência injusta por nenhum aluno ou má vontade contra quem quer que fosse: ricos e pobres, timpos ou sujos, filhos dos que louvavam ou criticavam o meu procedimento, todos, todos foram meus alunos e a todos procurei educar com o mesmo interesse, porque todos estavam sob o mesmo tecto... Trabalhei apenas para fazer triunfar alunos na vida, tornando-os úteis à Pátria e tementes a Deus.

Tenho consciência de ter feito o melhor que pude e soube, desligado de interesses mesquinhos.

Parece-me ter cumprido o meu dever. Mas será isso motivo para uma homenagem?

O meu primeiro impulso foi redondamente negativo. Parece descabido homenagear seja quem for só porque cumpriu o seu dever... Este é imperativo de consciência e, por isso, por tudo quanto fiz, não esperei outra remuneração que não fosse a tranquilidade de espírito perante Deus e perante a Pátria. Não podia sonhar com a generosidade desta homenagem...

Quis que se dissuassem de semelhante intento. Não o conseguí. Levaram a sua por diante, deram-lhe publicidade, fizeram convites e o remédio foi render-me à evidência dos factos: por isso aqui estou — aqui estou na «berlinda».

Permitam-me, porém, que tome esta homenagem como um louvor ao cumprimento do dever. Este é uma consequência de realidades profundas da nossa alma e da educação que recebemos.

Deste modo e neste momento eu sinto que não sou mais que um simples e vulgar espelho que faz reflectir todo o esplendor desta homenagem sobre quem de direito...

Talvez que eu encontre assim motivação para ela, para a grandeza de que a revestem.

Nós somos o que somos e o que somos não o somos por acaso. A personalidade humana é uma consequência de tendências natas, forças anímicas misteriosas que nos vêm de Deus. A educação desenvolve, aperfeiçoa ou atrofia essas mesmas inclinações e, então, somos o que somos com o que recebemos de Deus, dos nossos pais e dos nossos educadores. E nisto está a chave do meu pensamento sobre o acto que agora se realiza.

Começou esta homenagem por uma Missa de acção de graças a Deus. Não podia ter sido mais feliz a Comissão organizadora desta homenagem: pois que começou da melhor maneira.

Tudo o que sou devo-o ao Senhor. Os meus actos, as minhas acções são frutos da Sua Graça. Eis porque em primeiro lugar será para Ele a homenagem que me dirigis. E só me resta se tudo quanto hei feito não foi para O glorificar.

Eu deo-vos nas Vossas Mãos — Senhor! — o meu humilde trabalho para que o façais fructificar enchendo de felicidade com Bênçãos Divinas aqueles que me passaram pela escola, e que eu gostava de saber santos...

Abençoei — Senhor! — os que foram meus alunos.

Depois de Deus, o que sou devo-o a meus Pais. Em segundo lugar será para eles que terá de se dirigir esta homenagem.

Do meu Santo Pai, quanto não recebi dele!... A sua autoridade, o seu bom senso, o seu exemplo, o seu espírito de trabalho, o seu sacrifício pela Família... quanto!... quanto!...

Cada dia que recordo da sua vida é hoje uma lição edificante para mim. E foi nesta escola que aprendi a cumprir o meu dever. E pois também para meu Pai que prestais esta homenagem — e eu não esqueço e que lhe fora tributada por Viatodos quando do seu falecimento. Sim, é para Ele, para aquele que «deixou a passagem pela terra assinalada por um rasto luminoso de vida digna e bom exemplo, e legou aos filhos um nome que permanecerá eternamente». Sim, para Ele que foi grande mestre da minha vida.

E para a minha Mãe?... Quer queira, quer não, esta homenagem terá de ser em grande parte para ela — para a minha Mãe!

Se sou professor devo-o ao seu conselho amigo. Se lho perguntardes, ainda hoje, na meninice dos seus 94 anos, vos dará razão do seu conselho.

Depois de fazer o 5.º ano do Liceu, um dia, anunciei-lhe que estava meio resolvido a ir para a Escola do Magistério. Na ocasião nada me observou. Mas no outro dia procurou-me e disse-me o que hoje continua a dizer-me: — Ouve?... Olha que escolheste bem. É o melhor caminho para ir para o Céu... Podes servir o mundo servindo a Deus... E eu hoje sou professor!... E procuro cumprir o conselho de minha Mãe!

Ó Pais!... Ó Mães de Viatodos!... Ó Pais e Mães de Portugal!... Como é grande e sublime, como é digna a vossa missão. Não a atraioeis: sede dignos dela...

E como «Casa de pais é Escola de filhos», eu apresento-vos os meus 7 irmãos como testemunhos de quanto pode a educação da Família. E praça a Deus que muitos possam dizer o que vou afirmar publicamente: sou dos mais novos. Nunca de es recebi um mau conselho, um mau exemplo ou solicitação para o mal. Muito obrigado pelos bons exemplos que de vós recebi. Esta homenagem também tem de ser repartido por eles — por vós, irmãos!... E «O rasto de luz continuará a iluminar os caminhos da nossa vida»...

E tu, Dr. Carneiro, que te considero como irmão, também tens parte nesta homenagem. Tu, que vives os problemas da educação e ensino, tu, que discutes e, mas estes problemas, tiveste grande influência no que diz respeito à minha consciência profissional... Como tantas vezes me tenho irmanado no teu sentir... Também é para ti esta homenagem, Doutor!

E para ti mulher, para ti que me ligaste à Família Oliveira, que me prendeste a esta terra que deixei com saudades, mas não abandono, para ti que me deste 4 filhos e que, para mim, foram grandes mestres da melhor compreensão da Infância, para ti que sempre coadjuvaste o meu trabalho e sofreste comigo

os ossos do meu ofício, para ti tem de ser também esta homenagem.

E o Sr. Reitor que sempre cooperou com grande solicitude em todos os problemas da Escola, quanto lhe devo, quanto lhe deve a Escola!

Depois, Dr. Joaquim, Dr. Ilídio, Dr. Camilo, Sr. Torres, beneméritos que dejam fundos à Caixa Escolar, tantos de quem recebi estímulo e ajuda, por todos se tem de repartir esta homenagem.

E porque não falar aqui também na D. Laura e Prazerinhas e da sua solicitude pela educação da infância e da colaboração que delas recebi? Elas, e restantes cunhadas, não são figuras que se apagam na luz que se reflecte desta festa.

E tem de denunciar-se esta luz também sobre os encarregados de educação, pais dos alunos e restante família que colaboraram na minha acção e a fizeram fructificar, secundando-a. Também são para vós estês louvores.

E vós, pequeninos de agora ou grandes de hoje e que fosteis meus alunos, tendes de sentir comigo o calor desta festa porque sois a causa primeira e a razão desta homenagem. Eu e vós, nós todos, presentes e ausentes, irmanados no convívio da Escola Primária, temos de sentir o inundar as nossas almas de luz que nos vem desta homenagem e que nos serve de estímulo a sermos o que devemos ser.

E quero deixar para o fim os meus colaboradores mais íntimos, pois a eles pertence também esta homenagem.

Começo pela D. Honorina e colegas do mesmo labor escolar.

Da D. Honorina recebi testemunhos de muita simpatia nos nossos trabalhos, colaboração efectiva e leal na causa educativa; ajuda, estímulo. Pelo muito que lhe devemos, pelo muito que lhe devo, ela terá de tomar boa parte desta homenagem! O mesmo posso dizer das Ex.mas Professoras agregadas que se irmanaram no mesmo pensamento de bem servir a Deus servindo a Nação através da Escola.

Depois o Sr. Delegado Escolar. Eu sei que muito lhe devemos, mas não faço ideia dos seus imensos sacrifícios para que tudo corra na melhor ordem. Ele faz parte dos bastidores da causa educativa e por isso o seu trabalho passa despercebido aos olhos de muitos... É bem digno que de outro modo se faça justiça ao seu trabalho: mas o Sr. Delegado, perante mim, tem de se sentir homenageado nesta festa. Muito obrigado, Sr. Delegado, pelo muito que recebi de V. Ex.ª.

Por último duas palavras de muita gratidão para os meus Ex.mos Superiores da Direcção Escolar e Ex.mos Inspectores que passaram por ela.

Quiseram associar-se a esta homenagem que, como disse, não é minha inteiramente porque se reflecte também vivamente em V. Ex.as. Adivinho que estas festas são muito do agrado da Direcção e Inspecção escolares. Compreendo-lhes o sentir: os problemas da escola estão-nos na alma. Nós os vivemos e, por isso, a manifestação de simpatia por esta festa. Muito obrigado a V. Ex.as. Noutra localidade espero continuar a merecer-lhes a estima através do cumprimento do meu dever.

Ao Ex.mo Sr. Presidente da Câmara, ao Ex.mo Sr. Vice-Presidente, muito obrigado pela sua presença, muito obrigado por tudo quanto recebi da edilidade (durante estes vinte e quatro anos que aqui trabalhei), a que V. Ex.as actualmente presidem.

Para a Comissão promotora desta homenagem, para todos que com ela colaboraram, para todos que lhe deram brilho com a sua presença, muito e muito obrigado.

E assim está bem: aceite esta homenagem, na medida em que directa ou indirectamente vos sentirdes homenageados também. Congratulemo-nos então com o dever cumprido. Obrigado.

Agradecimento

A Comissão das Festas de S. João, de Barcelinhos, agradece muito reconhecida a todas as autoridades militares, civis e eclesiásticas que se dignaram assistir aos actos para que foram convidadas, bem como a todos aqueles que directamente ou indirectamente contribuíram para o brilhante êxito dos festejos Sanjoaninos realizados este ano.

A Comissão das Festas

Falta de espaço

Devido à falta de espaço com que lutamos, não é possível publicarmos, no presente número, a correspondência das aldeias e outras notícias.

Monografia de Cossourado

(Continuação da sexta página)

sa, e u a valer quase sempre v, e com as palavras átonas ligadas às tónicas, sem hífen antes ou depois das tónicas. Por excepção aparecem maiúsculas iniciais em *Tombo* e *Evigaria* de Samtiago de *Cossourado*, e nas palavras *Rio*, *Ribeiro* e *Braga*.

Logo, nas primeiras quatro linhas do tombo encontra-se *Samtiago de Cossourado*, — amtre este lugar de *Cossourado* nope da ponte (no pé da ponte *dastauos* (das tavas = das tábuas) por honde core (corre) do Rio da neve. E uem (e vem) pola uea do Rio (pela via do Rio a cima por espaço... e hali passa balugais (Balugães) ho Rio *comtra* *concurado*... hn poio muito atopido Eadita igreja de *Cossourado*...

Do Rio da neve (era um rio feminino, como nosso querido Pai dizia, ao referir-se do carmelita descalço *Frei João da Neiva*, cujas cruzas estão na Igreja do Carmo, em Braga). E também outrora foram femininos os rios Ave e Avizela, que deram origem a que se formasse a vila recente de *S. Miguel das Aves*.

Pois no Tombo de Cossourado também era feminino o Rio da neve, e lá não há nomes com honras de inicial maiúscula, a não ser *Rio*, *Ribeiro* e *Braga*, porque *Cossourado*, *balugais* (*Balugães*), *nevinho* (*Neuvinho*), *fonte antiga*, *senhora a branqua* (*S.ª a Branca*) e todos os demais nomes de homens ou de propriedades rurais são sempre com inicial minúscula.

A fonte *antiga*, como escreveu Camões da *musa antiga*, em «Os Lusíadas», a letra u [que muitas vezes valia por v (vê)] não era pronunciada. Porém acerca da fonte *antiga* que ainda lá está, nos limites de três freguesias, houve *deferenças* entre o abade de *balugais* (*Balugães*), o *vigairo de pojares* (*Poiães*) e o reitor da comenda de *Cossourado* (*Cossourado*).

Ainda lá perto há o Paço do Duque (de Bragança), único prédio com «luas grandes casas todas em hun andar: hua sala com duas ca-

maras» que não pagava renda à Comenda. Os Reitores dos séc. XVII e XVIII muitas vezes ao lugar do Paço chamavam do *Passo*, ao lugar de Navió chamavam de *Navió*, ou de Eiró chamavam *Eiro* (e ali apareceu de *Airom* — que é mais de légua, na freguesia de Poiães, na divisória dos Vales do Neiva e do Lima). E que naqueles tempos não se usava acentuação das palavras, e também o *j* valia por *i*, e vice-versa. Só se distinguia o *Luís* com *s* (esse) final, a *Luíza* sempre com *z*, como *meza* e *caza*, etc.. El-Rei D. Dinis, «o Lavrador».

Quanto à Ordem de Nosso *Snor Jesu Christo*, já sabíamos há muito que ela resultou da extinção da Ordem dos Templários, em tempos de

A extinção dos Templários, então ditos *Tempreiros*, segundo aqui disse o «Jornal de Barcelos», em 4-7-1957, copiando da «Ronda da História», de Junho de 1957, foi assim:

«Em 1311, em plena Idade-Média, o concílio ecuménico vienense, convocado pelo papa Clemente V, extinguiu a poderosa e riquíssima Ordem dos Templários.

«Coisas terríveis se disseram contra os cavaleiros do Templo; formaram-se processos, levou-se à fogueira o último grão-mestre Jacques Molay, e tentaram liquidar de vez essa poderosa Ordem que contava perto de dois séculos, e que fora fundada no meio da efervescência religiosa da primeira cruzada. Tudo se fez e tudo se conseguiu...»

«Em Portugal, porém, a Ordem do Templo tinha avultados bens, e D. Dinis, a quem Herculano chamou *avarento*, devia ter franziado o sobrolho, quando tal coisa que disseram.»

E fez todas as diligências para fundar a Ordem de Cristo com os bens dos Templários. E criou-a.

J. LUÍS FERREIRA

Redacção e Administração:
Luís Pinto Brochado Monteiro Pedras
Rua Dr. Manuel Pais, 4 — Telefone 82465
BARCELOS

Jornal de Barcelos
Católico e Regionalista

Composição e impressão:
EDITORIA POVEIRA—Póvoa de Varzim
Telefone 62257
Visado pela Censura

Prosseguindo...

TERMAS DO EIROGO

O Doutor R. Fleurin, Secretário-Geral do Sindicato Nacional dos Médicos das Estâncias Termas e Climáticas da França, publicou recentemente um trabalho — «Société Moderne et Avenir du Thermalisme» — que pelo seu interesse e actualidade julgamos digno de divulgação, ainda que muito parcial.

Mostra-se necessário, portanto, para guiar a nossa acção e os nossos projectos, reflectir no lugar a desempenhar pelas Estâncias Termas na sociedade moderna ou, por outras palavras, analisar os elementos desta sociedade que são susceptíveis de se reflectir nas actividades termas a prazo mais ou menos longo.

A civilização tende para a concentração urbana, a complexidade técnica e o desenvolvimento industrial. Resultam daqui, no plano físico, poluições múltiplas do meio ambiente (atmosfera, águas) e, no plano psíquico, condições mais artificiais de vida, diminuindo o contacto directo com a natureza, o seu ritmo e o seu poder de equilíbrio.

O homem moderno torna-se num doente por inadaptação, o que se pode designar pelo termo patologia urbana ou doenças da civilização, e sente a necessidade imperiosa de tomar o contacto com a natureza — veja-se o aumento constante do campismo, da vela, da caça, dos desportos na neve, etc..

Uma termatária moderna deve facilitar esta retomada de contacto com a natureza.

E nesta perspectiva que se enquadra a criação de zonas termas e climáticas, afastadas de fábricas, de veículos motorizados, do ruído e da agitação.

O homem de 1975 viverá mais tempo, será mais instruído, disporá de mais repouso, será mais exigente quanto à sua saúde, dedicar-lhe-á mais tempo.

O homem moderno pedirá à Medicina o restabelecimento positivo duma saúde normal, restituindo-lhe a plena posse das suas faculdades físicas ou intelectuais, que lhe permita trabalhar sempre próximo do seu ótimo.

Debaixo deste ponto de vista, a terapêutica termal deverá consa-

grar-se ao estudo e ao tratamento das perturbações funcionais, das sequelas dolorosas ou invalidantes das afecções orgânicas, dos fenómenos de fadiga, de adnescência, de anquilosamento, passageiro ou durável, dos mecanismos naturais de defesa e dos processos de regulação.

A medicina, mais científica, mais eficaz, tende para melhorar o aspecto da patologia e aumentar o número de doenças terapêuticas.

As Estâncias Termas, portanto, devem proceder a uma revisão periódica das suas indicações e a terapêutica termal deverá intervir no momento oportuno.

De terapêutica de substituição, a crenoterapia deve tornar-se numa terapêutica de eleição, ocupar o seu devido lugar, dentro das indicações precisas e no quadro da terapêutica do seu tempo.

O afastamento das Estâncias Termas, em relação aos grandes centros, representa uma vantagem e já constitui o obstáculo de antiguidade. O campo de atracção de cada estância é chamado a ampliar-se. A organização de grandes conjuntos à escala continental e, sobretudo, do mercado comum (para nós portugueses, da EFTA), deveria trazer às nossas estâncias uma clientela mais internacional.

É assim que convém para manter fidelidade à doutrina termal francesa assente na prioridade do medicamento termal para conseguir a cura.

As cadeiras de hidrologia das nossas Faculdades não devem só ser mantidas, mas estimuladas, providas de agregados que se consagrem às pesquisas de hidroclima por longo período e participem dum ensino superior de hidroclimatologia.

O que acaba de ler-se foi escrito em França, e para os franceses, por um médico culto e competente, num país também culto e onde não é admissível nem tolerável a existência de médicos sem os rudimentares conhecimentos da hidrologia. Se cá fora assim, não assistiríamos, envergonhados, a tanta manifestação de crassa ignorância. Os tempos já mudaram, felizmente, e os nossos médicos já aprendem, quando querem cultivar-se, hidroclimatologia, nas Universidades portuguesas. Leigos mais cultos que os profissionais, seria falta imperdoável.

Movimento de Doentes

Continuam a chegar todos os dias novos doentes, trazidos por indicação de outros que por cá se curaram. Quando chegará o dia em que o Turismo encare a sério a existência dum problema termal barcelense?, problema de cuja resolução depende a única possibilidade que temos de ombrear com os

SOCIEDADE

Aniversários

Quinta-feira, 22

Menina Esmeraldina da Fonseca Guimarães, menino Domingos Manuel Duarte, menino Miguel Nuno Fonseca de Matos Aires de Campos.

Sexta-feira, 23

D. Maria Teresa da Silva Azevedo, menina Ofélia Maria da Costa e Silva.

Sábado, 24

Menina Maria Teresa da Silva Teixeira, menino Ezequiel Dias da Silva.

Domingo, 25

António Carlos da Silva Esteves, menina Maria José Graça Faria da Cunha.

Segunda-feira, 26

Ilídio Martins Moreira, P.º João Pereira Linhares, menino Carlos Manuel Machado da Cunha Arantes.

Terça-feira, 27

Armindo Miranda, Artur Matos Lopes de Almeida, Acácio Araújo Coutinho.

Quarta-feira, 28

D. Ana de Sá Carneiro de Azevedo Figueiredo, D. Maria Natália Areal Herrera de Rholes, D. Maria Teresa Ramos Roriz Pereira.

António Lima

A frequentar um Curso de Formação Corporativa, encontra-se em S. Pedro de Sintra o nosso amigo Sr. António Lima, digno funcionário do Sindicato Nacional dos Operários da Construção Civil do Distrito de Braga (Secção de Barcelos).

Para a Praia

Partiu para a Póvoa de Varzim, a passar uma temporada, o nosso amigo e assinante Sr. Dr. João Belezza, vereador municipal.

outros, os que caminham na vanguarda?

Esta semana chegaram a Eirogo:

De Queluz (Sintra) Domingos de Moura Correia.

De Braga Arquitecta D. Dea Lamosa e D. Maria da Glória Azevedo.

Do Porto D. Maria de Fátima Jerónimo Liberal.

De Celorico de Basto D. Maria de Jesus Carvalho e João Carvalho.

De Vila Verde D. Maria da Silva Azevedo, D.

Monografia de Cossourado

A IGREJA E O COUTO

(Continuação)

Pelo Dr. JOSÉ LUÍS FERREIRA

Correcção de «gralhas»

No artigo de 8/7/65, passaram as «gralhas» seguintes, por ter sido composto em corpo 8:

O original, ao citar o 1.º versículo do Evangelista S. João, dizia «...e o Verbo era Deus».

Ao falar dos Afonsius, eram Alfonsius, moeda...»

Na 2.a col. da pág. 6, 2.a linha, copiou-se o «Liber Fidei», e na (5) manda conferir o Liber Fidei, Documento n.º 599, e o Livro das Cadeias, n.º 30.

Dissemos e provamos, no artigo anterior («Jornal de Barcelos», 8-7-1965), que a Igreja e o Couto de Cossourado, das Terras de Aguiar de Neiva, depois termo de Barcelos, que ia até à Correlbã (às portas de Ponte de Lima) são mais antigas que a fundação de Portugal, e que a carta concedida por D. Afonso Henriques ao seu capelão D. Afonso (cónego da Catedral de Braga) foi passada no Castelo de Faria.

El Rei Fundador, naquela data de 1135, contaria 24 anos de idade, pois nasceu no Castelo de Guimarães, em 1111 (era de Cristo de quatro uns!).

Mas quantos anos teria já o tal Couto e a Igreja?

E quem teria instituído aquele Couto de S. Tiago de Cossourado?

Sim, que o documento da concessão não nos diz desde quando ele existia; e o Fundador de Portugal não ia concedê-lo, se ele não tivesse existido, e nossas pesquisas ainda não alcançaram sabê-lo.

Teria já sido instituído pelos Condes Portucalenses, pais do Fundador?

Eles concederam à Ordem de Malta a bacia de Leça do Balio, nas margens do Rio Leça, a pouca distância do antigo concelho de Bouças (hoje Matosinhos). E concederam certas regalias em Rates, hoje da Póvoa de Varzim.

Almerinda Gomes, D. Rosa Gomes Martins e D. Rosa Barbosa de Amorim.

De Barcelos

D. Rosa Lourenço Pereira, D. Laurinda Fonseca da Silva, D. Noémia Patrocino da Silva, D. Deolinda Rosa da Silva, José da Silva Guedes da Encarnação, Acácio de Araújo Coutinho, Joaquim Simões da Silva, Armando Alberto de Azevedo Coutinho, Manuel Neiva, Manuel da Silva Ferreira, Reinaldo Ferreira de Carvalho, José da Silva Ramos, Firmino de Sá Oliveira, D. Rosa Gonçalves Quintas, D. Maria Angelina Alves Pereira e D. Maria Helena dos Anjos Leão.

—C.

Ou teria sido já D. Afonso Henriques quem instituiu a Igreja e o Couto de S. Tiago de Cossourado, quando foi Arcebispo de Braga D. Paio Mendes da Maia, irmão de D. Sueiro Mendes e de D. Gonçalo Mendes, «o Lidador» (entre 1118 e 1138)?

Quando D. Afonso Henriques atingiu a idade dos 14 anos, para poder ser armado cavaleiro, em 1125, já foi o Arcebispo D. Paio Mendes que o incitou para se rebelar contra o primo, Imperador de Castela e Leão, armando-se cavaleiro como Rei Independente, e não esperando ser armado como vassallo de D. Afonso Raimundes.

Este facto foi considerado pelo Governo Português de 1925 como o princípio de Portugal Independente, e esse mesmo Governo mandou cunhar uma moeda de prata, de valor de 10\$00; e o Largo da Sé de Braga foi pela Câmara Municipal de Braga transformado em Rua de D. Paio Mendes. (O nosso filho primogénito que nasceu no «Largo da Sé», n.º 89, 2.º andar, tem de dizer hoje que nasceu na «Rua de D. Paio Mendes». Também é cavaleiro, mas aos 53 anos; não aos 14, e não houve rebelião, graças a Deus e a S. S. Paulo VI).

E a Igreja e o Couto de S. Tiago de Cossourado já terão sido instituídos pelo próprio D. Afonso Henriques? Ainda não temos a certeza disto. Veremos, se Deus nos concederá que tais averiguações se possam realizar, para continuarmos a monografia começada, para a qual já temos cadernos de factos, e certezas de muitos. Só falta que se não dê o caso da anedota do Padre Zé, do tempo da nossa juventude, quando atribuía ao Dr. Assis a visita às obras do jazigo, com a espósa: «Vês, menina, é para aqui que nós havemos de vir, se Deus nos der vida e saúde». Nós garantimos já que não havemos de ir (hão-de nos levar o cadáver, sem vida nem saúde, mas entre umas tábuas de pinho, cobertas com flanela preta. — E já ficam tópicos para o testamento).

Mais tarde aquele Couto de S. Tiago de Cossourado passou a ser Comenda e Vigairia, segundo reza o Tombo dela, que acabou de escrever, em 1959, o Cónego Valeriano de Alfaro, copiado já doutro mais antigo, quando El Rei D. João III deu a comenda ao Snor Fr. D. Luís Telo de Meneses. (A conferência do segundo tombo pelo primeiro só se fez em Lisboa, nos fins do séc. XVI, com todas as formalidades legais).

O tombo era todo escrito em linguagem própria da época, com as letras i a valer por j (ou vice-versa).

(Continua na quinta página)

PEQUENOS ANÚNCIOS

Maria Angelina Correia
Médica Especialista de Crianças
Clínica Geral de Mulheres
Consultório: Campo 5 de Outubro
Residência: Av. Comb. G. Guerra, 114
Telef.: Consult. 82398 - Resid. 82803

Manuel Monteiro de Carvalho
MÉDICO
Consultório: Campo 5 de Outubro, 14
Consultas das 15 às 18 horas
TELEF. { Consultório 82325
Residência 82609
BARCELOS

CÉSAR F. CARDOSO
ADVOGADO
L. D. António Barroso, 9 — Telef. 82447
BARCELOS

Relojoaria Carvalho
O RELOJOEIRO DE CONFIANÇA EM BARCELOS
Avenida Dr. Oliveira Seixas, 40

PARA PRESENTES...
(fixe sómente esta Casa:
Ourivesaria Milhazes
Filial: Rua D. António Barroso BARCELOS
Sede: Rua 5 de Outubro, 35 PÓVOA DE VARZIM

ALTO-FALANTES
...prefira sempre a
Casa SOUCASAUX
Fotografias - Rádios - Óculos - Artigos fotográficos
Tel. 82345 BARCELOS

Animais—Aves—Rações
Preparam-se juntando aos cereais ou resíduos «CÁLCIO — VITAMINAS E ANTIBIÓTICOS»
Meis economic e eficiência
LABORATÓRIO DA FARMÁCIA PINHO
GUIA—LEIRIA

PENSÃO E RESTAURANTE
Pérola da Avenida
Serviços de Casamentos, Baptizados e Jantares de Confraternização
Filial: Restaurante PRAIA-MAR — Apúlia
Telefone 82416 BARCELOS

Máquinas de Costura SINGER usadas também tenho ZIG-ZAG modernas último modelo, com luz—bons preços
Fernando Valério de Carvalho
Av. Combatentes da Grande Guerra, 158
Telefone 82583 BARCELOS

Móveis TELES
MAIS BONITOS
MAIS BARATOS
ELHOR SORTIDO
Todo o género de Colchoaria, Maples, Sofas-camas, Divãs de ferro art. e Mobiliário metálico
Tapetes, Carpetes e Alcatifas
Campo da Feira — Telef. 82453 BARCELOS